



Artur Portela

Vencestes, reconhecemo-lo. Ninguém, no jogo da democracia parlamentar, contesta a vossa vitória.

Há, no entanto, algumas coisas que talvez não fosse mau, não tanto fazer-vos saber, que já as sabeis, mas fazer-vos saber que as sabemos, e não esqueceremos.

A primeira coisa é que a vossa vitória não é sobretudo vossa, é sobretudo a vitória de decepção.

Não fostes vós, sobretudo, que vencestes, foi o cansaço, o desgaste, a insolução. E também as indecisões, as ambiguidades, as contradições, os erros da esquerda. E também o fortíssimo apoio no domínio da informação, e não só, que destacados empresários vos *adiantaram*. É claro que vós fostes os catalisadores de tudo isso. É claro que há, nesta vossa vitória, o talento do vosso carismático e a eficácia do vosso marketing. Mas não há, no vosso eleitorado, nem uma aderência ao vosso programa, que ninguém sabe, de que ninguém se lembra. Há, quando muito, uma aspiração a mudança. Em rigor, não tendes base social de apoio estável. Em rigor, estais no poder porque estáveis à mão.

A segunda coisa é que não sois sobretudo maioria, sois sobretudo uma coligação de minorias.

A vossa estrutura é extremamente precária, integra ideologias diversas, orgânicas partidárias diversas, ambições pessoais diversas. Conseguistes manter-vos unidos assim durante a campanha eleitoral. Mas uma coisa é uma campanha eleitoral, outra coisa é o quotidiano da administração e a relação entre o poder e a sua base parlamentar. Qualquer dos dois pequenos grupos parlamentares que satelizam os vossos partidos maiores pode derrubar o vosso governo, tem força para derrubar o vosso governo, tem força para governar o vosso governo. Criastes uma condição tal que cinco deputados monárquicos podem, com uma simples abstenção, pôr em perigo a República. Criastes uma condição tal que cinco deputados reformadores podem, com um simples atraso num almoço que tacticamente se prolonga, por exemplo proteger o Presidente da República de um desaire parla-

mentar, e infligir, à estratégia e ao orgulho do Primeiro-Ministro e figura central da Aliança, uma derrota.

A terceira coisa é que o vosso perfil psicológico, profissional e social não se adequa à realidade sociológica que este País é.

Pertenceis, não a este regime, mas ao próximo, mas o próximo talvez não aconteça. É que não tendes força, e provavelmente não a teréis sequer após as eleições gerais de 80, para transformar o regime à vossa imagem e semelhança. Nem força nem imagem. O País conhece-vos de antemão, da oposição fácil e *bavardeuse* que fizestes nos jornais que os empresários destacados vos *adiantaram*. Fostes moralmente anónimos sob a ditadura salazarista e fizestes, quase todos, o silêncio que convinha sob o sacolão de 74 e 75. Sois, talvez, parlamentares agressivos. Mas ser governo matar-vos-á lentamente. Vivereis euforicamente os três ou quat' primeiros meses dessa novidade, sereis *telejornal*, primeira página do «Diário de Notícias», fotografia num «El País» pessoalmente amigo, mundanamente cúmplice, local no «L'Aurore» (Não é sociologicamente interessante que Portugal volte a estar condenado à simpatia do «L'Aurore»?). Mas em breve a administração vos tolherá o passo.

A quarta coisa é que as componentes socioeconomicamente mais poderosas do vosso bloco de apoio vão começar a apresentar-vos a conta.

Porque socioculturalmente lhes pertenceis isso ser-vos-á indolor. Só que isso irá, por um lado, colidir com os interesses das faixas da pequena e média burguesia que também vos deram o seu apoio, e irá ser dialecticamente potencializado pela esquerda. Acabareis por pagar a conta duas vezes, porque a pagareis às componentes socioeconomicamente mais poderosas do vosso bloco de apoio e a pagareis eleitoralmente.

A quinta coisa é que ides governar dez meses de campanha eleitoral, dez meses de uma dupla campanha eleitoral, para a Assembleia e para a Presidência da República.

Ora isso também se paga governamentalmente, administrativamente. Não sois tantos nem tão ubíquos a ponto de poder-

Carta aberta aos vencedores

Deser o governo que resolve e a campanha que mobiliza. Nem tendes tempo bastante para apresentar resultados. Nem a possibilidade de corresponder a um eleitorado que, não sendo, como vós não sois, nem coerente, nem estável, nem homogêneo, quer as coisas diferentes que é, as coisas contraditórias que é.

Disto tudo resulta que a esquerda, derrotada, dividida, em minoria no Parlamento, representa, apesar de tudo, uma força relativamente mais homogênea que vós, e com possibilidades eleitorais e políticas talvez mais sólidas que vós.

Por um lado, porque o vosso projecto é uma mudança difusa, afluída de pontos contraditórios e com rumos contraditórios, e o projecto da esquerda, apesar da sua diversidade, tem largas e prolongadas plataformas comuns.

Por outro lado, porque vós, além de serdes uma coligação de minorias, sois uma coligação de projectos de governo autónomos, uma coligação de mini-governos que lutam cada um deles pela hegemonia, e as duas forças maiores de esquerda têm papéis tacitamente distribuídos, sabem a qual delas cabe assumir o governo e a qual delas não cabe assumir o governo.

Por outro lado, ainda, porque esta Aliança vai diluindo lenta mas seguramente as imagens autónomas dos vossos partidos, cola-vos unas aos outros, corresponsabiliza-vos pelos erros do governo, desgasta-vos na administração, queima-vos as vossas reservas estratégicas, enquanto a esquerda se mantém nítida, com as suas personalidades partidárias bem recortadas.

Curiosamente, enquanto o vosso eleitorado se dilatou artificialmente, o eleitorado da esquerda robusteceu-se, restringindo-se. Não é, como em parte foi, ambíguo. Não leva já consigo nem nenhum cinismo, nem nenhuma clientela. Está sério, consciente e coeso. A ambiguidade passou, toda, para o vosso campo.

Disto tudo resulta que, se a relativa derrota da esquerda pode trazer à esquerda alguma vantagem, a vossa relativa vitória talvez não vos traga demasiada vantagem.

Dir-se-ia que, sendo lamentável que sejais governo, ainda bem que sois governo.

